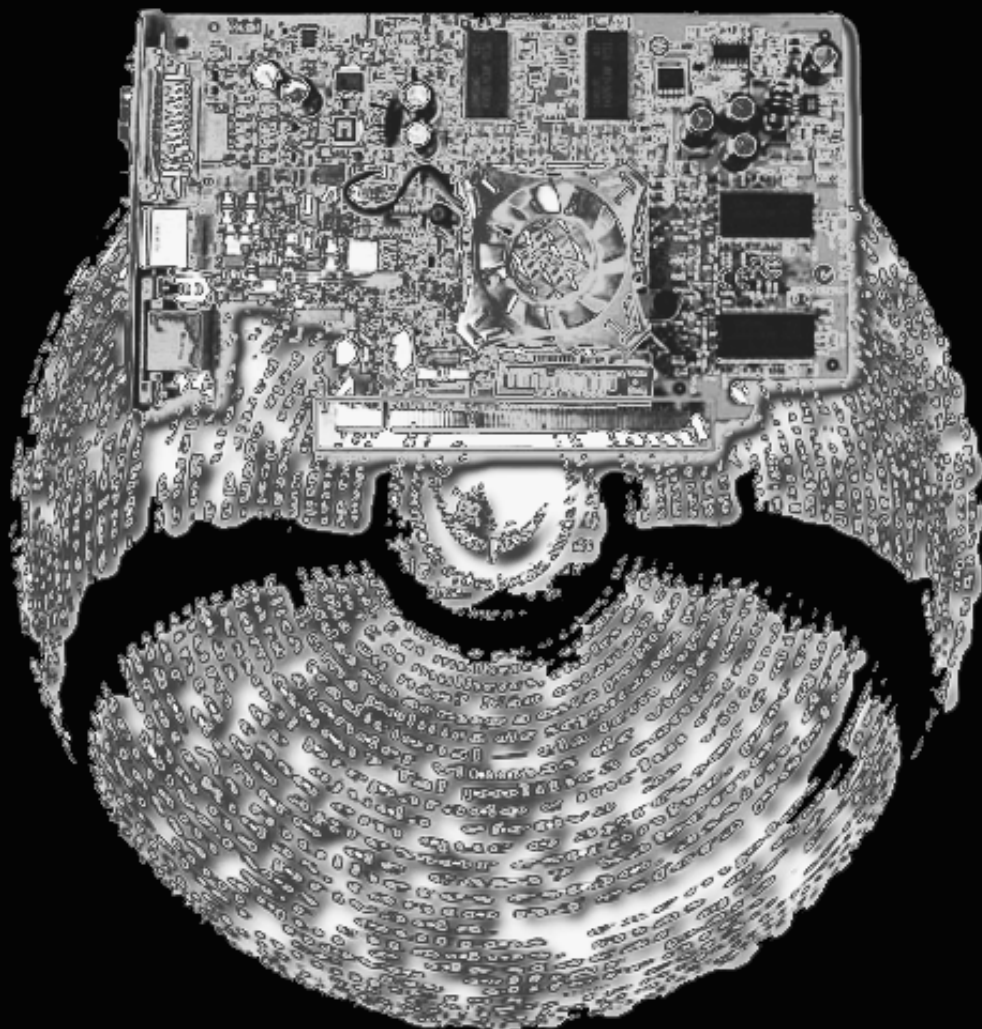


ALMEIDA E SOUSA



ABANDONADO AOS

DITAMES DO ABSURDO

edição



domador de sonhos

biblioteca dramática

Nº 3

cascais - setembro - 2010



DOMADOR DE SONHOS



I

*a acção passa-se num espaço fechado. apenas **b** sentado numa cadeira de repouso embrulhado num cobertor.
entra **a** que despeja o discurso focado no possível público.*

a - o diabo envergou os seus trajes cerimoniais

e

recebeu as honras do ninho.

no ar

paira o divino que inicia

já

a distribuição dos manuais de bom comportamento para a ceia

e

eu

fico onde estou abandonado aos ditames do absurdo.

b - (*para **a**, sem grande convicção*) não.

não te deram à luz

fui eu que te dei a luz.

a - e

pintaste com lágrimas um vulcão

uma montanha

e

um comboio onde embarquei rumo a espaços inacessíveis a todos os meus sonhos.

nessa noite dormia embalado por braços de gigantes

b - é verdade...

a - porque a vida é feita a preto-e-branco como nos velhos filmes

b - é?

às vezes acho que é mais a preto do que a branco

outras vezes mais a branco do que a preto

mas não tenho a certeza...

nunca tenho a certeza

a - é.

viajei para além das montanhas

aí onde se bebe sangue como se fora vinho.

lembras-te?

o orvalho da meia noite descobria os teus pés d'anjo

e

tu ocultavas as mãos num campo de espigas.

b - é bem possível

pois

se calhar...

a - os teus movimentos já não eram tão pronunciados como o eram quando vistos de cima.

a pretensão

porém

permanecia a mesma

e

com a língua pude sentir o gosto antecipadamente...



DOMADOR DE SONHOS



sabor a gelado comercial com cobertura de caramelo envelhecido pela ferrugem.
e
tu gritavas
cabe-nos curar o país desta enfermidade mental transmissível
cabe-nos curar o país desta enfermidade mental transmissível
cabe-nos curar o país desta enfermidade mental transmissível
depois disseste-me muito baixo
não
não deixes que alguém destrua e queime a minha sombra.
então
o precioso bisturi dos fonemas
lançou-se sobre os criadores de ostras da cidade
os seus hábitos foram rasgados pelos cornos dos touros
os seus hábitos foram rasgados pelo marfim de tuas pernas brancas
sabes?...
a minha primeira noiva tinha 24 sorrisos
dois para cada mês do ano
a minha primeira noiva foi para a cama
com alguém que não eu
a minha primeira noiva tinha medo das cavernas
as do princípio dos tempos
não.
não tenho a certeza

b – que certeza?

a - estou cheio do vazio
nem eu sei porquê.
creio que nunca nos vimos antes...
e
como nos haveríamos de ver?
nós
errantes idiotas
nós
que saímos de casa à noite sem rumo
nós
que em conversa com as nossas sombras nos dirigimos a uma ponte
qualquer para cumprir suicídios sentados...
sim.
com os pés
descalços
suspensos

assim...
como quem pesca estrelas.
como nos poderíamos ter encontrado

b - como poderíamos...
sei lá
sei lá...



DOMADOR DE SONHOS



II

b - sinto o frio morder-me as carnes. afinal

sei
está tudo...

que estou eu a dizer...?!

foi
foi há tanto tempo...

a - deve ser da febre.

ao fechar a porta
ouvi um gritinho que nada dizia
ou dizia...

tudo.

depois um silêncio triunfante...

voltei a abrir a porta

b - preocupado?

a - sim.

com o que poderia ter acontecido...

mas não vi coisa alguma

apenas o crepúsculo em vias de se tornar um imenso nada.

e tu...

já bebestes água hoje?

felizmente não estás com febre

que te aconteceu?

não respondas.

nunca me saberias dizer...

(mudando o foco de atenção) penso que hei-de ser mastigado com suavidade.

as feras que sentiram as carícias de minha língua compartilham já os mesmos lençóis

numa quietude quase desesperante.

sabes?

hoje estive entretido a construir palavras cruzadas.

é.

é o meu jogo predilecto...

as palavras deslizavam com alguma facilidade.

mesmo as mais abstrusas

incorporei um i e um u bailarinos

na abertura de duas palavras verticais

e

a partir da primeira linha horizontal consegui uma segunda...

depois

numa fúria...

entraram duas donas de casa

mordendo sílabas em coro

a três

b dois

c zero

d dois

e seis

.....



DOMADOR DE SONHOS



gritaram palavras inesperadas
em forma de cruz
suspensas no ar.
então enchi a minha vida de suicídios...
agarrei de novo esta caneta para desenhar todo o meu amor
dentro de mim
só depois
me apoderei do canivete
e
cortei-me
rasguei-me rapidamente.
e...
se fossemos fazer aquele jogo?...
eu a encher balões
e
tu a lançar aviões de papel...

b - melhor ser eu a encher os balões
não tenho forças.
já não tenho forças...

a - está bem
afinal de contas tu é que julgas ser o domador ecológico
satisfazem-se com pouco, as tuas feras...
ou serás tu que julgas que elas se satisfazem contigo...
mas o que interessa isso...?
os sonhos não alteram nada
cumprem

a cena é fechada com a acção da proposta. segue-se um escuro total.

III

a - previ a minha morte no dia em que comi daqueles gelados que parecem de cristal.
nesse dia os fumos mastigados pela chaminé sabiam a erva-doce...
deve ter sido a sobredose de açúcar que motivou a minha aflição clássica de jovem bruxo.
então... resolvi dar mais brilho à minha formosura
e
corri para o espelho.
depois de uns retoques
perguntei-me
haverá alguém mais belo que eu?

b - eu...

a - porque não te manténs calado?
bem
depois de tudo passado
a casa do bruxo transformou-se numa velha cabana morta de fome...
ah
como me diverti a desenhar esse lugar
enviei convites a todos os feiticeiros meus amigos
sabes...



DOMADOR DE SONHOS



a casa ganhava todos os meses um prémio
e
com o prémio
um subtítulo que colocava cuidadosamente debaixo da sua foto...
"esta é a casa de um bruxo diabolicamente delicioso"
e
com o meu gelado de cristal e caramelo
deambulava pelos cemitérios de candeia acesa...
precisamente.
os que buscam doces almas... encontrá-las-ão.
devemos vaguear pelos caminhos, à caça.
embrenharmo-nos nos bosques onde encontraremos autênticas guaridas de bruxos
e
uma vez que cavemos profundamente o solo
possível será encontrar um palácio magnífico de caramelo.
alguns canibais preferem receber os hóspedes desvestidos com as extremidades
banhadas em açúcar...
mas isso é outra história
é.
lá chegaremos

IV

b deve aparentar algum nervosismo

b - onde é que ela está?

a - na gaveta.
onde sempre estive...

b - está bem

a - para que a queres agora?

b - onde é que ela está?

a - na gaveta.
já te disse que do outro lado do muro não há senão um buraco
um buraco tão pequeno como o do lado de cá.
na verdade
podemos afirmar que o buraco é não apenas maior
mas o maior.
no entanto

e
por ali
poucos há que realmente se interessassem pela coisa
pelo buraco
é como se este repousasse na obscuridade

e
a eles
falta-lhes o raio-de-olhar
o sentido do buraco.
caminham com as mãos nos bolsos
apenas isso

b - na gaveta?



DOMADOR DE SONHOS



a - sim.
muito perto do vidro
muito perto.
sabes?...
há quem olhe mas não vê onde pode chegar.
ainda que haja olhos para todos.
e até podemos inventar olhos...
eu até posso ver a tua figura do outro lado do muro
e
a figura dela.
ainda que não seja uma figura
mesmo.
diria que é mais um esboço
um traço
um rascunho
no papel amassado e esquecido que se abre como uma flor
ou se rasga
não há pressa.
não há pressas...
sento-me sobre os tornozelos e espero.
a surpresa
como uma flecha vadia que atravessa o raio de olhar...
é.
é assim como os teus balões que se rasgam no ar
é assim como os teus balões apertados entre as mãos lançando sombras através dos
dedos

b - os meus dedos já não obedecem

a - (*reflectindo*) ele sorri
não fala...
nada de extraordinário
dirão.
mas os seus olhos molhados sabem aos restos de mim
de todos nós
(*alterando o foco do discurso*) montei a minha bicicleta
e
vi gente escrevendo a giz nas ruas da aldeia
era tão simples
tão básico

a luz baixa até ao escuro total

V

***b** está caído no chão. uma pistola embrulhada num guardanapo. **a** inicia a cena
sentado na cadeira de **b**. poderá ilustrar a cena com movimento.*

a - porque eu não estava ali...
ergueu-se
depois caiu
e
arrastou-se até alcançar a gaveta.
não.
não lhe tinha mentido
ela estava lá dentro...



DOMADOR DE SONHOS



tomou-a na mão
e
depois de a acariciar
enrolou-a num guardanapo
passou-a à mão direita
sempre com o olhar fixo no buraco
então enfiou o dedo
e
pressionou sem cuidados especiais...
lá dentro ouvi o disparo e corri com a minha colher de bronze na boca.
dos lábios escorriam as últimas palavras atravessadas por um sorriso dramático
eu...
limpei os olhos ao avental.
o gelado de cristal que levitava na sala levou consigo a colher de bronze e uma
alma corroída pela bala
certeira
ela
a pistola
ficou caída
no chão

b - ah!...

VI

*nesta cena a personagem **b** deverá ilustrar com rigor a acção descrita por a na cena anterior. só depois, entrará **a** para fechar a acção.*

a - senti o cheiro fremente quando me aproximei do seu corpo
eu
tremia
de frio?
que estranho estar frio...
mas... mais estranho.
derretia por dentro.
ele cristalizava-se
crucificando-me como um insecto atemporal
e
em pleno voo.
belo?
não sei.
mas tinha qualquer coisa que...

Fim

1 proposta para o final: *saem de cena por entre o público, voltam a aparecer no espaço por onde saíram, enquanto as luzes se apagam progressivamente. um deles traz na mão uma vela, incitando os espectadores a sair, como se lhes iluminasse a saída, conduzindo-os. cá fora, juntam-se e cobrem-se com um pano preto, deixando-se ficar imóveis até o público abandonar o espaço. nessa altura, ouvir-se-á uma explosão, um dos actores aparecerá, furando entre os espectadores, saindo para a rua e ficará a dizer-lhes adeus, repetindo "Não descurámos a vossa segurança... estejam tranquilos..."*